

Escurecimentos literários: autoria de ancestralidade negra na fundação da literatura infantil brasileira¹

Elizabeth Cardoso 1* 

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Brasil.

*Autor de correspondência: elizabethpenhacardoso@gmail.com

RESUMO

O artigo tem como objetivo recolocar a literatura infantil produzida por autoras e autores afro-brasileiros na história crítica da literatura infantil brasileira, com vistas a reescrever essa trajetória e colaborar com a formação de leitores de literatura com bases antirracistas e tecida na afropoética. Neste texto enfoco prioritariamente Gonçalves Crespo (1846-1883) e sua obra **Contos para nossos filhos** (1896), mas amplio o debate para outros autores afrodescendentes como João do Rio (1881-1921), Ildelfonso Juvenal (1894-1965) e Mestre Didi (1917-2013) e a autora Ruth Guimarães (1920-2014) como precursores e integrantes da fundação da literatura infantil e juvenil brasileira.

ABSTRACT

The article aims to replace children's literature produced by Afro-Brazilian authors in the critical history of Brazilian children's literature, with a view to rewriting this trajectory and collaborating with the formation of literature readers with anti-racist bases and woven in Afropoetics. In this text, I focus primarily on Gonçalves Crespo (1846-1883) and his work **Contos para Nosso Filhos** (1896), but I broaden the discussion to other Afro-descendant authors such as João do Rio (1881-1921), Ildelfonso Juvenal (1894-1965) and Mestre Didi (1917-2013) and the Afro-Brazilian author Ruth Guimarães (1920-2014) as precursors and members of the foundation of Brazilian children's and youth literature.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo reemplazar la literatura infantil producida por autores afrobrasileños en la historia crítica de la literatura infantil brasileña, con miras a reescribir esa trayectoria y colaborar con la formación de lectores de literatura con bases antirracistas y tejidas en afropoéticas. En este texto me centro en Gonçalves Crespo (1846-1883) y su obra **Contos para Nosso Filhos** (1896), pero amplió el debate a otros autores afrodescendientes como João do Rio (1881-1921), Ildelfonso Juvenal (1894-1965) y Mestre Didi (1917-2013) y la autora afrobrasileña Ruth Guimarães (1920-2014) como precursores y miembros de la fundación de la literatura infantil y juvenil brasileña.

SUBMETIDO: 09 de abril de 2023 | **ACEITO:** 24 de abril de 2023 | **PUBLICADO:** 30 de abril de 2023

© ODEERE 2022. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

PALAVRAS-CHAVE:
Educação antirracista
Formação de leitores
Gonçalves Crespo
Literatura afro-brasileira
Literatura infantil

KEYWORDS:
Afro-Brazilian Literature
Anti-racist education
Children's Literature
Gonçalves Crespo
Reader training

PALABRAS-CLAVE:
Educación antirracista
Formación de lectores
Gonçalves Crespo
Literatura Afrobrasileña
Literatura Infantil

¹ O presente artigo é resultado parcial da pesquisa **A poética da literatura infantil brasileira de ancestralidade negra: história, crítica e mediação** que recebe apoio do CNPq (bolsa produtividade) e da PUC-SP (Edital Pipeq de auxílio à pesquisa).

Introdução

Os autores e autoras de ancestralidade negra (afro-brasileiros, negros e pardos) estão dedicados à literatura para crianças desde sua fundação no século XIX, mas pouco ou quase nada sabe-se sobre isso. E o sabido é silenciado. Enquanto pesquisadora e professora venho trabalhando para recolocação desses nomes e obras na história da literatura brasileira, em especial àquela dedicada às crianças, tendo em vista a urgência e a importância de engendramos a literatura e a educação antirracistas e tecidas com princípios da afropoética.

A literatura escrita por afrodescendentes acontece com mais evidência com a promulgação da Lei número 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece as diretrizes e as bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Desde então, nota-se o aumento de publicações de livros de literatura infantil voltados para o tema, de modo a atender à demanda gerada pela referida Lei. Autores de várias ancestralidades vêm se dedicando às produções de livros e atividades com tal fim. Parte desses livros tem sido escrita por autores e ilustradores de ancestralidade negra que estão, paulatinamente, recebendo atenção e reconhecimento da crítica, em especial nos últimos dez anos.

No entanto, como veremos aqui, a participação de escritores de ancestralidade negra nos livros endereçados às crianças se dá desde os primeiros títulos, no século XIX. Mas as principais obras de referência dedicadas ao gênero (COELHO, 2000, LAJOLO E ZILBERMAN, 2006; OLIVERIA E PALO, 2006; ZILBERMAN 2006) não tiveram um olhar apurado sobre a diversidade presente na autoria da literatura infantil pois, salvo raríssimas exceções, não mencionam tais artistas, seus livros e suas contribuições. Equívoco histórico e crítico que perpetua e dificulta a pesquisa e o ensino antirracista na área, pois mesmo interessados e comprometidos com a importância de tal questão, pesquisadores e educadores não encontram informações, dados e análises sobre a produção agora em tela.

Na tentativa de contribuir para reversão deste quadro, o presente artigo, primeiro, discute a opção dos críticos e historiadores da literatura infantil de não incluir autorias pretas e pardas em suas obras e pesquisas e, depois, (re)apresenta quatro autores de ancestralidade negra que atuaram na fundação da literatura

infantil brasileira: Gonçalves Crespo (1846-1883), João do Rio (1881-1921), Ildelfonso Juvenal (1894-1965) e Mestre Didi (1917-2013) e a autora afro-brasileira Ruth Guimarães (1920-2014), com maior ênfase em Crespo.

Revisão da história da literatura infantil

Estudantes, professores e pesquisadores de Letras e Educação no Brasil trabalham com uma bibliografia consolidada sobre a história da literatura infantil. Trata-se de um grupo de obras que são lidas e citadas pela grande maioria das pesquisas sobre o tema. Dito de outra forma, são obras de referência, leituras obrigatórias e fonte principal de informação sobre esse gênero literário aqui abordado. A título de aprofundamento, passo a comentar pontos relevantes de uma delas: **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**, de Regina Zilberman (2009). Sublinho que a intenção aqui não é invalidar as pesquisas já consolidadas (as quais trouxeram uma contribuição imensurável para a área), mas sim apontar a necessidade de realização e inclusão de novas e outras pesquisas em nossas reflexões sobre a literatura para crianças, ampliando as abordagens epistemológicas. As citações podem ser longas, mas são necessárias para indicar o modo como as questões raciais (não) aparecem na obra. Em todo o livro, salvo engano, há duas referências aos afrodescendentes. Passo a comentar e a citar a primeira delas.

No primeiro capítulo, a pesquisadora desenha um retrato histórico, social, político e econômico do Brasil que abrigou as primeiras publicações de literatura dedicadas às crianças. Seu enfoque inicial é a mudança do regime político passando da monarquia para a República.

No Brasil do final do século XIX, a monarquia cheirava a imobilismo, e o país estava progredindo, a população aumentando, as variedades culturais e étnicas se exprimindo. Um governante único, que reinava por quase 50 anos, não respondia mais a esses anseios, e ele acabou sendo deposto. De forma pacífica, como se sabe; mas não houve mais retrocesso, e o país, daí para a frente, passou por situações políticas distintas e conturbadas, nunca mais recorreu ao modelo monárquico.

A grande diferença situava-se na nova conformação da sociedade, marcada pela ascensão de uma classe média urbana, desejosa de ver suas reivindicações serem atendidas: maior liberdade política, melhores negócios, dinheiro mais acessível, novas oportunidades para educação. Essa classe média responsabiliza-se doravante pelas mudanças ocorridas no

país, e em nome dela revoluções, avanços e retrocessos acontecem. O aparecimento dos primeiros livros para crianças incorpora-se a esse processo, porque atende às solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente (ZILBERMAN, 2009, p. 15).

Apesar de fazer menção “as variedades culturais e étnicas se exprimindo” todo o restante do texto traz a imagem de uma classe média próspera se formando. Sabemos que essas “variedades culturais e étnicas” não tiveram lugar nesse projeto. O bloqueio incluiu (e inclui) desde não acesso à educação, moradia, saúde e trabalho a uma agenda genocida. Mas esses conflitos estão ausentes, inclusive tudo se deu de “forma pacífica”, segundo o texto.

Sabemos também que pessoas afrodescendentes estavam atuando firmemente nessa sociedade com seus processos de morronagens (BONA, 2020), criando brechas para existirem e lutarem por seus direitos, suas vidas, suas religiões e suas artes (AZEVEDO, 2018, e MUNANGA, 2018). Consequentemente, algumas delas estavam inseridas nesse “grupo social emergente”, e por isso mesmo, além de registrar sua existência e luta, dar visibilidade a elas e às suas histórias é inverter o processo que branqueou Machado de Assis, por exemplo.

No entanto, é frequente que os estudos sobre a formação da literatura e da leitura no Brasil, não pressuponham pessoas afrodescendentes escrevendo, lendo ou editando. Simplesmente assume-se que essas pessoas não existiam (ou pelo menos que não existiam enquanto pessoas afrodescendentes). Pensamento que imprime um erro social e epistemológico às nossas pesquisas sobre literatura e leitura.²

Pode-se até argumentar, apelando para a insuficiente ideia de democracia racial brasileira, que o termo “classe média” incluiu todas as pessoas que sabiam ler e escrever e estavam interessadas em livros, independentemente da ancestralidade. Mas então por que não mencionar os autores afrodescendentes que produziam na época? Quando não se visibiliza a atuação de intelectuais afrodescendentes na história da literatura brasileira deixa-se de fora a cultura que atravessa metade da população, sufocando-a.

² Aliás essa é uma realidade dos estudos de literatura para crianças e jovens no mundo: em geral, quando se fala em infância, crianças, jovens e leitores fala-se em infância de brancos, crianças brancas, jovens brancos e leitores brancos. É urgente que a infância afrodescendente e diaspórica sejam cada vez mais pesquisada e considerada em projetos educacionais, estéticos e editoriais.

Mas há outra menção aos afrodescendentes, no livro em questão. Na sequência a estudiosa elenca as fontes de inspiração para os escritores que atenderam à demanda do novo gênero editorial: traduzir obras estrangeiras (europeias), adaptar para a leitura infantil obras destinadas aos adultos, reaproveitar o material dos livros didáticos e “apelar para a tradição popular, confiando em que as crianças gostariam de encontrar nos livros histórias parecidas àquelas que mães, amas de leite, escravas e ex-escravas contavam em voz alta, desde quando elas eram bem pequenas” (ZILBERMAN, 2009, p. 16).

O primeiro a ser notado é o termo “apelar” para se referir a literatura oral como possível solução para escassez de narrativas que atraíssem as crianças. Há a indicação do desprestígio dessa forma, tanto pelo uso da imagem do apelo (recorrer em último caso) quanto na listagem de ações em valor decrescente saindo do mais louvável (traduzir obras estrangeiras) para o de menos valor (tradição popular). Depois vem a descrição de quem divulgava essa literatura oral – as mulheres. Quatro grupos são citados, três deles de mulheres pardas e negras, tendo em vista a descrição da dinâmica social descrita anteriormente. Interessante notar como não ocorreu aos historiadores da literatura infantil no Brasil averiguar a atividade oral literária de pretos e pardos voltada para crianças, com a intencionalidade literária, cultural, ou seja, fora da perspectiva da cuidadora ou babá das crianças. Em terceiro lugar, cabe notar que a tradição popular em questão era europeia: “Procedeu, porém, da tradição popular a principal contribuição, a saber as histórias conhecidas até hoje como contos de fadas. Aventuras como as de João e Maria, da Bela Adormecida, da Cinderela, de Chapeuzinho Vermelho [...]”, (ZILBERMAN, 2009, p. 16). Então, essas mulheres pretas e pardas não utilizavam seus repertórios de histórias de raízes africanas em suas contações?

Nesse sentido, não chega a ser uma surpresa que ao listar “os pioneiros” da literatura infantil no Brasil os citados sejam: o alemão Carl Jansen (1823-1889), com traduções de obras como **Robinson Crusóé** (1885), **Viagens de Gulliver** (1888), **As aventuras de Celebérriimo Barão de Münchhausen** (1891) e **D. Quixote de la Mancha** (1886), e os brasileiros Figueiredo Pimentel (1869-1914) com **Contos da Carochinha** (1894) e Olavo Bilac (1865-1918) com **Poesias Infantis** (1904). Deixando de fora os autores afrodescendentes que estava atuando na área com sucesso reconhecido

aqui e em Portugal. Seguindo ainda a trajetória traçada por Zilberman, vamos ao segundo capítulo do livro, onde já encontramos Monteiro Lobato e sua obra construída a partir de **A menina do Narizinho Arrebitado** (1921), e consagrado como o inventor da literatura infantil brasileira moderna. E menções a Viriato Correia (mas não há nada sobre o livro com João do Rio), Graciliano Ramos, Erico Verissimo. Um próximo capítulo sobre o “marasmo” no gênero durante a ditadura militar e uma sequência de capítulos que contemplam o que seria, segundo a estudiosa, os temas mais explorados pela literatura infantil a partir da década de 1980: reis, fadas e sapos, gentes e bichos, garotas que mudam o mundo, folclore, meninos de rua e detetives, além de discutir outros gêneros vinculados à literatura para crianças: poesia, teatro e ilustração. Em nenhum dos itens, nem no dedicado ao folclore, autores ou temas afrodescendentes são mencionados. Ressalte-se que esse perfil editorial não é exclusivo da obra comentada, na verdade trata-se da mesma fórmula seguida por todos os manuais e livros de referência sobre a história da literatura infantil.

Não há dúvidas que Zilberman e suas contemporâneas prestaram um grande serviço para a literatura ao se dedicar a um gênero literário de pouco prestígio na academia e nas Letras brasileira, especialmente durante o século XX. Mas esse legado deve ser completado, revisto e reescrito com maior atenção à diversidade racial presente nessa literatura e em especial à inserção dos escritores e escritoras afrodescendentes, artistas do livro, com textos verbais, orais e visuais, ocupando o espaço devido a eles e elas e suas obras.

Reescrita da história da literatura infantil

Com o intuito de ajudar a reescrever essa história destaco a obra de Antônio Cândido Gonçalves Crespo (1846-1883). Carioca, filho de um comerciante português e de uma brasileira negra. Após o ensino primário no Rio de Janeiro, por volta dos quatorze anos de idade é enviado a Portugal, por motivos de saúde, para completar seus estudos, vivendo em Porto e Braga.

Em 1870, prepara-se para ingressar na Universidade de Coimbra e fortalece a amizade com João Penha e Antero de Quental. Esse grupo terá atuação ativa na revista **Folha** (1868-1874) dentro da perspectiva literária. É nesse periódico que

Crespo publica o soneto “Miniatura” e, em 1871, publica o livro poesia **Miniaturas**, pela Imprensa da Universidade de Coimbra. Em 1872, inicia o curso de Direito nessa instituição, formando-se em 1877. Sua carreira é próspera, chegando a ser eleito deputado pela Índia (Goa) e marcando presença na imprensa, **Diário da Câmara dos Pares**. O segundo e último livro de poesia, **Noturnos**, é publicado em 1882. Também atua como correspondente da Academia de Ciências de Lisboa. Falece precocemente, com 36 anos de idade, em 1883, deixando dois filhos pequenos e a viúva Maria Amália Vaz de Carvalho, portuguesa, também escritora, ativista feminina e primeira mulher a ingressar na Academia de Ciências de Lisboa, em 1912. Maria Amália é parceira de Crespo no livro **Contos para nossos filhos** (1896), aqui focado.

As informações bibliográficas acima têm como fonte Oliveira, 2011. Sobre a obra de Crespo o estudioso avalia que:

Se pudéssemos definir o poeta em apenas uma palavra, talvez a mais apropriada seria ‘inovador’. Foi assim na forma, na variabilidade e pertinência dos temas abordados, no tratamento das cenas descritas, nas reminiscências da infância e na representação dos oprimidos. [...] Em vez de nutrir os textos com temáticas, vocabulários e referências greco-latinas, Crespo prefere uma multiplicidade temática em seus escritos, o que lhe confere destaque e pioneirismo tanto no contexto português quanto brasileiro, fato que faz com que seja ele disputado pelos dois sistemas literários. Lá se argumenta o fato de *Miniaturas* e, sobre tudo, *Noturnos*, introduzirem o parnasianismo; aqui, pelo fato de as obras terem influenciado toda uma geração de intelectuais urbanos, que leram Crespo como uma espécie de precursor do antirromantismo, conforme aponta Machado de Assis no seu indispensável ensaio ‘A nova geração’ [...] (OLIVEIRA, 2011, pp. 160-161).

A citação é longa, mas para os objetivos aqui traçados é importante frisar o reconhecimento público e a importância acadêmica, social e artística de Crespo. E a ideia de “inovador” será reativada ao falarmos de seu livro para as crianças.



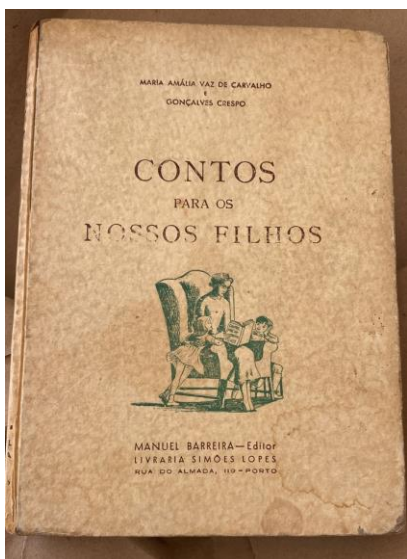
Gonçalves Crespo (foto: Portal Literafro)

É importante levantar e responder duas questões que podem ser colocadas a essa altura: se Crespo escreveu mesmo para crianças e se pode ser considerado autor afrodescendente. Sim, Crespo escreveu para crianças (e foi lido por crianças) e, sim, ele era um homem afrodescendente. Vejamos os argumentos para esses dois pontos levantados. A começar pela questão da autoria afrodescendente.

Quando falamos em autoria afrodescendente surgem questionamentos sobre a definição do termo. Concordamos com Eduardo de Assis Duarte, 2008, que este é um conceito em construção, longe de estar fechado e atravessado por variáveis múltiplas. Vejamos algumas delas, aplicadas no caso de Crespo. Primeiro aspecto da autoria negra é ser o autor ou a autora em questão afrodescendente. Crespo é filho de uma brasileira negra com um português. Segundo aspecto, se esse sujeito se declara afrodescendente. Crespo é o autor da histórica carta escrita a Machado de Assis (com data de 6 de junho de 1871), questionando sobre sua origem racial. “A V. Excia, já eu conhecia de nome há bastante tempo. De nome e por secreta simpatia que para si me levou quando me disseram que era... de cor como eu. Será?” (CRESPO apud OLIVEIRA, 2011). Não sabemos se Machado respondeu à pergunta, mas ele guardou a missiva em seu arquivo. O que de fato importa aqui é a declaração racial de Crespo. Outros aspectos para falarmos em autor afrodescendente seriam: a abordagem de temas ligados à questão racial, uma

linguagem poética que remeta a estratégias estéticas de raízes africanas e um compromisso em formar um público leitor afrodescendente (DUARTE, 2008)³.

Em *Crespo*, levando em consideração seu momento histórico, parece-me complicado falar em compromisso com formação de leitores afrodescendentes de modo direto, mas nota-se seu desejo de conexão com intelectuais que pudessem chamar de iguais, a carta endereça à Machado é exemplo. E o fato de manter a temática racial presente em sua poesia sinaliza que esse desejo em relação ao leitor também é real. Oliveira, 2011, cita os poemas “A negra” e “As velhas negras” em **Noturnos**. Quanto a linguagem, uma análise mais demorada em seus versos se faz necessário, mas sobre isso prefiro avançar para obra que mais interessa aqui, **Contos para nossos filhos**, para indicar alguns aspectos tanto sobre linguagem quanto sobre ser literatura infantil. O livro que data de 1896 e foi escrito em parceria com sua esposa Maria Amália Vaz de Carvalho.



Capa do livro *Contos para nossos filhos*. Foto: Elizabeth Cardoso

Contos para nossos filhos tem 305 páginas e reúne 24 narrativas que são recontos dos irmãos Grimm. Chama a atenção o esforço para adaptar os contos modificando títulos e enredos, alongando as versões, além do claro investimento em uma linguagem poética mais elaborada do que a vista em Grimm⁴. De fato, esse

³ Cuti, 2020, apresenta outro viés.

⁴ Refiro-me a edição Grimm, 2001, conforme dados nas referências bibliográficas.

cuidado já vem na apresentação do livro, que diretamente endereçada às mães e imediatamente avisa que não há intenção didática ou moralista, mas sim de fruição, o que nos remete a qualificação de “inovador” atribuído a Crespo:

Isto não é uma obra de erudição nem uma obra crítica. O título que lhe pusemos traduz completamente as nossas aspirações. São “Contos para nossos filhos”, contos para deleitarem a imaginação das crianças, contos que elas entendam, que as interessem, que as façam rir, e que as façam chorar (CARVALHO e CRESPO, 1956, s/p).

Maria Angélica Alvez, 2008, informa que a preocupação com a renovação da literatura destinada às crianças era algo presente em muitos autores brasileiros e portugueses entre os anos de 1880 e 1920. A pesquisadora afirma que no grupo estão nomes como Eça de Queirós, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, Maria Amália Vaz de Carvalho, Ana de Castro Osório, Olavo Bilac, Figueiredo Pimentel, Julia Lopes de Almeida, Zalina Rolim e “outros importantes escritores e editores” (ALVES, 2008, p. 5). A maior reivindicação era por uma linguagem e temática mais próxima às crianças.

Com esses registros (reconto dos irmãos Grimm, endereçamento às crianças na apresentação do livro e parte ativa no grupo de autores do século XIX que pensavam a literatura infantil) responde-se afirmativamente sobre a obra de Crespo ser literatura para crianças. Resta anotar que, salvo engano, não há referências raciais diretas nos contos de Crespo. O que há sim é uma constante preocupação com questões sociais. No livro encontramos vários contos que constroem a imagem do oprimido passando por derrotas e misérias. Como no primeiro parágrafo do conto “João Grande e João Pequeno”:

Eram duma vez dois saloios que tinham o mesmo nome de batismo. Tanto um como outro se chamava João, mas um tinha só um cavalo, o outro nada menos do que quatro. Para diferenciar um do outro, tinham posto ao do cavalo só, o nome de João Pequeno. Ora justamente o João Pequeno é que era o mais alto, mas que querem, meus meninos? Também era o mais pobre, e neste mundo... Enfim, saberão mais tarde estas coisas... (CARVALHO e CRESPO, 1956, p. 206).

O narrador que procura o contato direto com o leitor criança parece ter alcançado o objetivo de fazer uma literatura infantil mais moderna e arejada. Tal fato fica ainda comprovado com a grande circulação da obra. O livro parece ter alcançado o objetivo, pois foi muito lido, recebendo várias edições até a década de 1960 e adotado inúmeras vezes pelos programas de distribuição de livros nas

escolas de Portugal. Em 1915, o livro já somava oito edições. O volume aqui referido é a décima primeira edição, com data de 1959, editado em Portugal.

Aqui cabe assinalar que a ausência de Gonçalves Crespo da lista de “pioneiros” da literatura infantil poderia ser justificada pelo fato da publicação ter sido ocorrido em Portugal. Mas dois aspectos devem ser levantados junto a isso. O primeiro é que, dado o contexto editorial brasileiro, não era raro a edição de obras impressas em Portugal circularem em nosso País. O segundo é a dificuldade e o impedimento de pessoas negras publicarem no Brasil. Conforme pesquisa de Oliveira e Rodrigues, 2016:

No século XIX, momento em que a ideia de literatura brasileira começa a tomar forma, houve 11 publicações individuais de contos afro-brasileiros e 10 romances afro-brasileiros publicados, contudo, por cinco autores: Francisco de Paula Brito, José do Patrocínio, Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis e Antônio Gonçalves Crespo. Nesse período, faz-se necessário lembrar que as publicações de contos e romances ocorriam, majoritariamente, em jornais.

Citar dados biográficos dos autores negros que publicaram obras autorais de conto e romance durante o século XIX torna-se relevante visto o pioneirismo na construção de uma tradição de contistas afro-brasileiros. Este pioneirismo também se estende aos espaços de publicação que tiveram de ser criados pelos próprios autores, uma vez que muitos não encontravam espaço nas casas e veículos editoriais existentes (OLIVEIRA e RODRIGUES, 2016, p. 97).

Os mesmos pesquisadores informam que na primeira metade do século XX, tivemos a publicação de apenas quatro livros de contos escritos por autores negros. Sendo assim, parece-me que a inclusão de Gonçalves Crespo entre os pioneiros e fundadores da literatura infantil no Brasil é urgente, pois o fato de não ter publicado aqui valoriza ainda mais seu pioneirismo.

Estratégias como essas (alternativas de publicação) estiveram presentes em todos os autores afrodescendentes da época, o que remete aos conceitos de cosmopoéticas do refúgio e marronagem de Denetém Touam Bona (2020). O filósofo reivindica um saber atrelado ao refazer-se diante do extermínio vivido pela população negra, mediante um conjunto de ações que ele nomeia de “resistências furtivas, nada frontais” aos “dispositivos de controle”.

[...] é preciso conceber as resistências afrodescendentes como um *continuum* que vai da lentidão no trabalho até a secessão marrom, passando pelas revoltas desarmadas e pelos suicídios nos navios negreiros. Não cabe, portanto, opor os *nègres* que teriam ficado de maneira dócil nas plantações aos marrons, que teriam sido “heroicos”. A menos que se exclua,

por exemplo, as resistências “sutis” praticadas pelas mulheres negras: a riqueza dos modos de transmissão da memória, o domínio da farmacopeia e das cosmologias associadas, o poder de influência e de manipulação da “favorita” sobre o senhor, o infanticídio como gestor de amor paradoxal [...] a marronagem deve ser pensada como um processo contínuo de libertação (BONA, 2020, p. 39).

Em muitos casos o processo leva séculos, talvez seja o que acontece com Crespo. Mas ele é apenas o primeiro nome afrodescendente a ser incluindo, pois o escurecimento da história da literatura infantil ainda depende da inserção de João do Rio (1881-1921) e sua obra **Era uma vez...**, de 1909 em parceria com Viriato Correia; Idelfonso Juvenal (1894-1965) e seu livro **Contos de Natal**, de 1939, além de Mestre Didi (1917-2013) **Contos negros da Bahia** (1961), **Contos de nagô** (1962), **Contos crioulos da Bahia e narrados por Mestre Didi** (1976), note-se que em geral a obra de Mestre Didi não é vista como literatura infantil, nem pelos pesquisadores de sua obra ou suas editoras. Essa é uma abordagem que venho trabalhando e inclusive organizando a reedição de seus contos com a especificidade do endereçamento às crianças. E por fim, Ruth Guimarães (1920-2014) e seus livros, **Os filhos do medo** (1950), **Lendas e fábulas do Brasil** (1972). **Contos negros** (1980, só publicados em 2020).

Há muito ainda para ser pesquisado, publicado e celebrado sobre a contribuição dos autores negros e pardos, afrodescendentes, para a fundação e desenvolvimento do primeiro século da literatura infantil (1880 a 1980). Mas do que um alerta, fica aqui um convite aos pesquisadores interessados na literatura afrodescendente e na literatura para crianças.

Referências bibliográficas

ALVES, Maria Angélica. **A infância, a leitura e o leitor**, em Portugal e no Brasil (1880-1920). Portugal, Lisboa: Editora Casa da Leitura, 2008.

AZEVEDO, Amailton Magno. Da crítica ao racismo à emancipação da cultura negra. **Revista da ABPN** • v. 10, n. 26 • jul – out 2018, p.276-290

BONA, Dénètem Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**. Trad. Milena P. Duchiate. Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie, 2020.

CARVALHO, María Amália Vaz de Carvalho e CRESPO, Antônio Gonçalves. **Contos para nossos filhos**. Porto: Manuel Barreira, 1896/1956.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil. Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23.

DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GRIMM, Irmãos. **Contos de fadas**. Trad. Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Arte afro-brasileira: o que é afinal? In: PEDROSA, A.; CARNEIRO, A.; MESQUITA, A.; MENEZES, H.; SCHWARCZ, L. (org.). **Histórias afro-atlânticas: antologia**. São Paulo: MASP, 2018.

Oliveira, Luiz Henrique Silva. Gonçalves Crespo. In DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

OLIVEIRA, de e RODRIGUES, Fabiane Cristine. Panorama editorial da literatura afro-brasileira através dos gêneros romance e conto. **Revista Em Tese Belo Horizonte**, v. 22 n. 3 set.-dez. 2016. p. 90-107.

OLIVEIRA, Maria Rosa, D.; PALO, Maria José. **Literatura infantil: voz de criança**. São Paulo: Ática, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.